

BRASIL - PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1906

N.º 189



Eloquencia e musica... tudo é musica

Os officiaes do "Benjamin Constant," em Lisboa

Bem mostraram que não arrefece, antes cada vez mais se acrisola e depura a estima entre brasileiros e portuguezes, as festas com que Lisboa celebrou a vinda ao Tejo do cruzador *Benjamin Constant*. E se para alguns dos officiaes que constituem a sua guarnição essas festas foram uma novidade, para nenhum d'elles foram uma surpresa.

Quer o *Adamastor* ou a *Patria* percorram as aguas brasileiras, quer sulquem as do Tejo os navios da esquadra do Brasil, tem a peito um e outro povo mostrar n'essas occasiões, mais do que nunca, que Portugal e o Brasil estão indissoluvelmente unidos por laços fraternos e reciprocas affeições. Seria impossivel separar os qualquer artimanha da politica ou até qualquer erro da diplomacia.

Numerosas foram as manifestações realizadas nesses memoriaes dias, mas, entre todas, tres se destacam e salientam, pelo que ha n'ellas de delicado, de affectuoso, e de emocionante!

A primeira partiú dos briosos officiaes do cruzador: foi a ida a Santarem e a visita ao velho templo em que repousam as cinzas de Pedro Alvares Cabral.

Dentro d'essa igreja e junto d'essa pedra tumular os marinheiros do Brasil ligaram n'uma saudades as duas patrias e firmaram no recolhimento solemne d'esse acto a gloria de ser Portugal quem deu o Brasil ao mundo e a elles a patria amada. Evocando n'esse logar a figura lendaria do intrépido navegador, relembraram a grandeza heroica da nossa raça, que é tambem a d'elles, e as ficanhas do mar em que alguns d'elles e tantos compatriotas seus se tem assignalado, evocadas tambem mentalmente n'essa hora commemorativa, bem fizeram ver que corre o mesmo sangue nas veias dos dois povos, que a mesma bravura os caracteriza e os irmana a mesma aspiração de glorias e de progressos.

De iniciativa tambem dos officiaes brasileiros foi a segunda das manifestações a que alludimos. E nunca elles tiveram tão alta comprehensão do duplo dever de gratidão e de civismo como no momento em que na capital do reino evocaram o nome de um seu camarada, dos mais gloriosos da armada portugueza e tomaram a resolução unanime de irem á sua casa modesta mostrar-lhe com palavras, cuja eloquencia estava na propria simplicidade, que nem um só entre elles esqueceu o serviço humanitario que elle prestára ao Brasil, honrando a especie pela abnegação e pelo altruismo. E quem escreve estas linhas, conhecendo de perto o que ha de generoso e de affectivo no coração do contralmirante Augusto de Castilho, cujo nome honra ha oito annos esta illustração, sabe com que enternecimento e com que alvoroço elle apertou as mãos leaes que se estenderam para as suas, e abraçou contra o peito os officiaes do cruzador, alguns dos quaes lhe deviam a vida, que elle salvára com o sacrificio estoiço da sua, com o risco da sua liberdade de cidadão e da sua situação de militar. É que perante o acto que elle praticára, recolhendo a bordo da *Mindello*, como se fossem naufragos, todos aquelles que lhe pediam a salvação, estavam apagados todos os ressentimentos, desvanecera-se por completo o agitado periodo das represalias, e apenas ficava de pé, integro como a verdade, grande como o heroismo, superior a todas as convenções, a nobreza do acto, em que houvera decerto mais humanidade do que disciplina, mais abnegação do que egoismo. Por isso a recordação d'esse nome, avivada na memoria dos marinheiros do Brasil, e affirmada na manifestação que elles mesmos realisaram, tem alguma cousa de grande e de emocionante, e ficará a lembrar perpetuamente, erguida dentro de cada portuguez como um monumento de gratidão e um luminoso reflexo da alma brasileira.

Falta-nos falar da *matinée*



O commandante do cruzador brasileiro

Carlos Pereira Lima, capitão de fragata



Grupo de officiaes do "Benjamin Constant."

Sentado o contra-almirante conselheiro Augusto de Castilho. — Em pé seu filho Jorge de Castilho (ao centro do grupo)

(Instantaneo feito a bordo do cruzador)

a bordo do *Benjamin Constant*. Por muito que escrevessemos pouquíssimo conseguiríamos dizer, pela dificuldade de encontrar a expressão própria para dar relevo á fidalga/gentileza com que o



Commandante do "*Benjamin Constant*," e vice-almirante Lopes de Andrade

commandante do cruzador e os seus officiaes acolheram os seus convidados na *matinée* de 24 de novembro ultimo.

Principalmente no coração de gentilissimas damas ficará memoravel essa bella e gloriosa tarde, em que elles os officiaes, na maior parte ainda moços, porfiavam attensões e deferencias re-passadas d'aquella sinceridade ingenita e depretenciosa que é o traço predominante do coração brasileiro. E quando lá dentro, a bordo d'esse navio, em que tão soberbamente se enlaçavam as bandeiras de Portugal e do Brasil, os brindes se ergueram ao estalar do *champagne*, soaram tão alto os nomes do Brasil e de Portugal que nunca mais unidos se mostraram, como se o laço d'essa affeição apertado por tantos corações que ali se juntavam, fosse indissolvel e eterno.

O chefe d'Estado, o governo, a armada, a imprensa, todas as classes procuraram encher de attensões e amabilidades os que nos honravam com a sua visita, mas, — a nosso ver — não houve manifestações que a estas se avantejem, porque foi o sentimento que as dictou e, digam o que disserem, por mais que o corebro produza e a sciencia caminhe, esta é a alavanca por excellencia dos grandes acontecimentos humanos.

O *Brasil Portugal* publicando hoje nas suas paginas numerosas gravuras allusivas ao cruzador e á sua guarnição, presta, ainda que posthuma, uma homenagem de reconhecimento e de justiça ao Brasil, nosso irmão nos infortunios, nos regosijos, no heroismo e nas glorias.

— A imparcialidade que é a força do historiador é a fraqueza do homem publico.

VALEUR.

— A moderação é a razão politica.

GAMBETTA.



O cruzador "*Benjamin Constant*,"

Politica internacional

O acontecimento da quinzena foi o discurso sensacional pronunciado no Reichstag allemão pelo principe de Bülow. Compreende-se que depois do desastre diplomatico de Algeiras e da inesperada e indiscreta publicação das "Memorias do principe de Hohenlobe", a Allemanha sentisse a necessidade de desfazer as suspeitas que na Europa cada vez se avolumam mais contra a politica tortuosa e duplice do governo de Berlim, politica cujo unico resultado evidente tem sido até agora o isolar o imperio germanico, que actualmente se encontra sem um unico amigo sincero, não obstante o interesse que muitas potencias teriam em cortejar a mais poderosa força organizada do continente.

Porisso o principe de Bülow entendeu chegado o momento, agora que a sua convalescência está ao que parece terminada, de pronunciar um d'aquelles discursos espectaculosos, que á falta de outras qualidades de estadista, são a feição predominante da sua personalidade politico. Falou e, diga-se em homenagem á verdade, falou d'esta vez prudentemente e até com relativa habilidade, o que nem sempre lhe acontece. Todo o empenho do chanceller foi demonstrar o amor entranhado da Allemanha á causa da paz, os sacrificios que estava prestes a fazer lhe, a perfeita confiança que tinha no espirito pacifico das potencias e a completa tranquillidade com que assistia ás combinações politicas que entre ellas se estavam delineando. Afirmou mais e com propositada emphase que não era intenção da Allemanha ir intrometer-se entre as diversas nações aliadas para tentar malquistal-as umas com as outras. Nada faria para semear a sizania quer entre a França e a Russia, quer entre a Inglaterra e a França ou entre a França e a Italia, porque estes aggrupamentos longe de ameaçarem a paz geral eram uma garantia da sua conservação. E por este teor e como se pôde deduzir de semelhantes afirmações, continuou o principe de Bülow o seu discurso, lançando talvez pela primeira vez a nota mais sinceramente optimista de toda a sua carreira parlamentar.

Vejamos, porém, como as declarações do chanceller foram recebidas no estrangeiro e na propria Allemanha.

No estrangeiro e especialmente nas duas nações ás quaes o discurso do principe de Bülow era dirigido — a França e a Inglaterra — a impressão produzida pela peça oratoria do chanceller foi menos do que mediocre. A imprensa ingleza mostra-se completamente sceptica com respeito ás declarações pacificas do sr. de Bülow. Diz que as palavras proferidas no Reichstag, por mais tranquillizadoras que sejam, só por si na ta valem. O que se requer da Allemanha, para que se possa acreditar na sinceridade das palavras do ministro, são actos que com essas palavras estejam conformes. Enquanto a Allemanha não realizar esses actos, são inúteis todas as tentativas de querer desarmar as desconfianças, que a diplomacia germanica justamente desperta. E' esta a summa dos artigos da maior parte da imprensa ingleza.

Emquanto á França, a impressão produzida pelas declarações do principe de Bülow é pouco mais ou menos a mesma, ou ainda mais accentuadamente desconfiada, para não dizer hostil. A imprensa franceza, tomando nota das asserções do chanceller, reconhece no entretanto que é impossivel por agora qualquer modificação nas relações politicas entre os dois paizes. Correcção esculpida por parte da França, mas nada mais. Depois da celebre e desastrada investida de T'nger nem outra cousa era de esperar da parte da Republica. Se o chanceller allemão pensou o contrario enganou-se redondamente e apenas deu prova de singular levandade n'um estadista com as suas responsabilidades. De modo que a impressão produzida em Paris e em Londres pelo discurso do principe de Bülow devia ter sido para Berlim uma penosa desillusão. E como não havia de o ser, se na propria Allemanha a nota geral tambem da impressão ali produzida é a de um completo scepticismo? o discurso do ministro passou ao segundo plano, sobressaindo apenas e sendo discutidas sómente com vivacidade as criticas de que o crivaram os oradores opposicionistas no Reichstag.

Este scepticismo provocado pelo discurso do principe de Bülow, tanto dentro como fóra da Allemanha, é a justa condemnação da diplomacia allemã, que desde Bismarck não tem feito outra coisa senão accentuar cada vez mais as suas duas feições dominantes — a dobléz e a violencia. Violencia com os que ella julga mais fracos, dobléz com todos, fracos ou fortes. Com taes precedentes e semelhantes processos, como é possivel, que a Europa tenha con-



Officialidade do "Benjamin Constant... — O commandante ao centro

fiança nas palavras do chanceler? Não foi o príncipe de Bülow quem, durante toda a guerra sul-africana, sublinhou por mais de uma vez com a sua palavra imprudente e impropria de um estadista o celebre telegramma de Guilherme II ao presidente Krüger? E não foi ainda o mesmo príncipe quem (na melhor das hypothese e suppondo mesmo que não foi elle o inspirador directo) se prestou a cobrir com a sua responsabilidade ministerial a triste aventura de Marrocos, toda ella violencia e doblez, e que no fim de contas, em vez do resultado alvejado, só teve como consequencia o isolamento completo da Allemanha? Não é, pois, de admirar que em presença de *factos* tão recentes a Europa não sinta grande entusiasmo pelas *palavras* pronunciadas pelo chanceler. E' o caso de repetir, como o faz a imprensa ingleza, a celebre phrase de um dos heroes de Shakespeare: *Now, what I want is facts*. Factos e não palavras, que denotem, sem a menor sombra de duvida, uma nova orientação na politica allemã, que ha trinta annos é o pesadello de todas as chancellarias, e que será responsavel perante a historia por esta "paz armada, que está arruinando a Europa e sendo um escarneo para os progressos da civilização contemporanea.

A situação politica em Hespanha continúa incerta, e não faltam sy optomas a indicar a proxima queda do gabinete. O apparente pómo de discordia é no momento actual a lei sobre as associações religiosas. A causa real da fraqueza do ministerio e da sua impossibilidade de governar é a insanavel divisão do partido liberal. Não ha duvida que o projecto de lei sobre as associações religiosas, moldado pelo que Waldeck-Rousseau apresentou ao parlamento francez, encontra sérias difficuldades para a sua approvação n'um paiz como a Hespanha, onde os clericos teem ainda tão grande poder e onde o fanatismo das massas é tão grande. Não ha duvida tambem que a opposição intransigente do Vaticano e a actividade que os conservadores, capitaneados por Maura, estão desenvolvendo são elementos serios com que o governo é obrigado a contar, tanto mais quanto é certo que a camarilha do paço do Oriente, inteiramente devotada á reacção, procura illaquear o animo do rei, se é que elle proprio não vae por esse caminho, para que a corôa não sancione esta parte do programma liberal. Já até se disse que Affonso XIII começára a fazer algumas observações n'este sentido ao conde de Romanones. Seja, porém, como fór, e por poderosas que ainda se levantem no paiz vizinho as forças do clericalismo,

se o partido liberal estivesse unido e compacto em volta do general Lopez Domingues, dispondo de mais a mais da cidadella do poder, o que não é indifferente n'uma terra centralizada e burocrata como a Hespanha, e com o apolo decidido da parte mais esclarecida da opinião publica, o ministerio havia de vencer. O que faz duvidar da victoria e antes prognostica derrota quasi certa é a divisão nas fileiras liberaes e a fraqueza que d'ahi advem ao governo.

Ha um facto mesmo symptomatico de que o gabinete do general Lopez Domingues já começa a recuar: é a declaração de Salmoron, em nome dos republicanos, de que se o governo abandonar o projecto, elle e os seus amigos o perfilarão, continuando por conta do partido democratico a propaganda anti-clerical. Para que uma tal declaração se faça em momento tão critico, é preciso que o perigo de ver abandonado o projecto sobre as associações pelo governo se torne evidente. Na questão religiosa o partido republicano está ao lado do ministerio. E' o seu aliado natural. Semelhante grito de alarme significa, pois, que a teia conservadora já principiou a illaquear o governo, a ponto de o fazer recuar. E no entanto é este o momento unico de a Hespanha mostrar ao mundo se com a monarchia pôde entrar no convivio das nações modernas. Se o governo liberal consegue sem demora e com firmeza dar o fundo golpe na reacção religiosa, que a maioria do paiz reclama, ainda a monarchia poderá viver por algum tempo em Hespanha, momentaneamente amparada pelo espirito novo da liberdade, mais do que nenhum outro indispensavel para que a vida nacional possa progredir. Se pelo contrario a reacção triumphar, se cae o gabinete Lopez Domingues para ser substituido pelo sr. Maura a governar com o *Syllabus*, a monarchia de Affonso XIII tem desde já os dias contados, porque na questão mais vital para o paiz ella demonstrou ser incompativel com o progresso e com a liberdade. E então, ou a Hespanha morre como nação, ou procura violentamente conquistar o que lhe não quizeram dar pelas vias legais.

CONSIGLIERI PEDROSO.

— A bocca que profere mentira, mata a alma.

— A historia não é um microscopio.



A bordo do "Benjamin Constant", depois do almoço offerecido pelo commandante ao sr. ministro do Brasil, em 19 de novembro
Sentados: — Commandante Pereira Lima — ministro do Brasil — madame Villegas — vice-almirante Lopes de Andrade

Beckford em Cintra

(A propósito dos artigos do sr. D. Luiz de Castro)

O illustre escriptor, sr. D. Luiz de Castro, publicou, ha pouco, na *Illustração Portuguesa* tres artigos successivos, nos quaes, fundando-se nas Cartas de Beckford, demonstra que elle habitou no palacio do Ramalhão, quando esteve pela primeira vez em Portugal, no anno de 1787. Mas põe duvidas a que Beckford estivesse no Monserrate, quando nos visitou pela segunda vez, no anno de 1794. Sabe-se que o palacio do Monserrate foi arrendado em 1790 pelo negociante Gerardo Devisme a D. Francisca Xavier Marianna de Faro



Matinée a bordo do "Benjamin Constant,, em 24 de novembro

*Ministro dos Estrangeiros,
conselheiro Luiz de Magalhães, subindo a escada do portão*

Mello e Castro, administradora do vinculo instituido em 1718 por um seu ascendente; e sabe-se que Gerardo Devisme a sub-arrendou em 1794 a um Beckford, subdito inglez. Até a publicação d'aquelles artigos, sempre se disse e se escreveu que o sub-arrendatario era o opulento William Beckford, que veio então novamente a Portugal, parece que fugindo ás responsabilidades de uma accusação grave, conforme disse Rebello da Silva. Mas o sr. D. Luiz de Castro, estribando-se n'um documento existente no archivo do sr. conde de Nova Goa, pretende demonstrar que o Beckford que habitou aquelle palacio não era o famoso millionario britannico, de que falam Vilhena Barbosa, o visconde de Juromenha, Rebello da Silva, o conde de Sabugosa e outros historiadores, mas sim Beckford Luis de Boy, socio e procurador de Gerardo Devisme, e que, por consequencia, todos aquelles historiadores cahiram em erro.

O documento, a que o illustre articulista se refere, é a copia da escriptura de posse dada a Francisco José de Oliveira das bemeifeitorias impostas nas casas e terras pertencentes á quinta de Monserrate, documento que publica em gravura e em que ha um trecho que diz: —

«extraída do Processo aos oito de Agosto de mil setecentos noventa e oito, de huns auttos civis de requerimento de Francisco José de Oliveira em que pedia se lhe paçasse Carta de ratificação de posse dos bens declarados lavrando se os auttos necessarios que serão depois intimados por notificaçoens aos Procuradores do Arrendatario Beckford Luis de Boy Socio e Procurador do Falecido, assim como tambem aos



Matinée a bordo do "Benjamin Constant,,

Testamenteiros dos Executores das despoziçoens do dito Devisme residentes em Londres por Precatorio expedido na forma do estillo,» etc. Depois da transcripção, o sr. D. Luiz de Castro acrescenta: — «Esta egualdade de nome originaria a lenda, por todos accete — até por Byron — de que fôra William o Beckford de Monserrate?» E, mais abaixo, ajunta que «a lenda se fixou, uma lenda com grandes visos de exactidão, por motivo da identidade do nome dos dois: o celebre sem Monserrate e o ignorante com Monserrate.»



Matinée a bordo do "Benjamin Constant,,

Adolpho Mason, encarregado de negocios do Uruguay, e sua filha

A nosso vêr, o sr. D. Luiz de Castro é que não interpretou o documento com boa hermenêutica, ou antes, equivocou-se na sua interpretação. Todos os que estão habituados a manusear documentos antigos sabem perfeitamente que se encontram, com frequência, os nomes próprios estropeados e a falta de pontuação, de artigos e de conjunções. Nos papéis do século XVIII, existentes no Arquivo da Torre do Tombo, muitas vezes temos topado o mesmo nome escripto de tres e de quatro maneiras diversas, e documentos em que a virgulação po-



Matinée a bordo do "Benjamin Constant,"

dia pleitear compitas com a do documento citado pelo sr. D. Luiz de Castro. Foram aquelles factos que induziram em erro o sr. D. Luiz de Castro e o levaram a asseverar que o Beckford de Monserrate e William Beckford eram pessoas diferentes, por outras palavras, que o primeiro não era o opulento e celebrado inglez, mas um tal Beckford Luis de Boy, de que nunca ninguém ouviu falar.

Quando procedemos á leitura do documento, logo nos causou estranheza, que, sendo Beckford um appellido, estivesse antes de Luis, que



Matinée a bordo do "Benjamin Constant,"

M^{te} Polla, neta do actor Cesar Polla, D. Francisco de Sousa Coutinho, Alfredo Ansel

é um nome proprio. Se lá estivesse escripto Luis de Boy Beckford, então nada haveria que objectar. Mas lá estava Beckford Luis de Boy, o que não podia constituir nome de uma só pessoa, por isso que, repetimos, não era possível estar o appellido antes do nome proprio. Examinando mais detidamente o documento, notámos que, entre Beckford e Luis, devia existir uma virgula, que o escriba do tabellião se esquecera de pôr, feita que, como já dissemos, era vulgar. D'esta maneira, ficava assim o trecho: — «que serão depois intimados por noti-

ficações aos Procuradores do Arrendatario Beckford, Luis de Boy, Socio e Procurador do Falecido,» etc. Mas ha mais. A casa commercial do Devisme girava na praça de Lisboa sob a firma de Purry, Melish e Devisme, tendo o seu escriptorio nas casas do marquez de Pombal, na rua Formosa. Tinha, porém, um outro socio chamado Luiz Dubois e é este que apparece na escriptura transformado em Luis de Boy. Este asserto prova-se com o seguinte documento: — «Para D. José Joaquim Lobo da Silveira. Sua Magestade deferindo a Petição junta de Luiz Dubois, He servida mandar declarar a V. S.^a que o Supplicante he comprehendido na Graça concedida pelo Decreto de 18 de Fevereiro de 1789 dirigido ao Conselho da Fazenda, por ser socio de Gerardo de Visme. Deus guarde a V. S.^a Palacio de Queluz em 11 de Novembro de 1795. José de Seabra da Silva.» (1) Recapitulando, vemos que o Beckford Luis de Boy da escriptura de posse se decompõe em duas individualidades distinctas: Beckford, arrendatario de Monserrate e Luiz Dubois socio e procurador do Devisme. Razão tem, pois, o sr. D. Luiz de Castro, quando afirma que William Beckford «não era certamente socio e muito menos procurador de um negociante inglez da categoria dos hollandezes e britannicos, que elle tanto ironisa nas suas cartas.» Continuando, o sr. D. Luiz de Castro assevera que em nenhuma



Matinée a bordo do "Benjamin Constant,"

Major general da armada, conselheiro Ferreira do Amaral, entrando a bordo do cruzador

obra litteraria de Beckford apparece uma unica referencia ao Monserrate. Não temos agora presentes as *Memoirs of William Beckford of Fonthill, author of Vathek*, editadas e publicadas em 1859 por Charles J. Skeet, em Londres, mas já as lemos, e, se a memoria nos não atraiçoa, Beckford allude n'essa obra (parece-nos que em paginas 43 do II volume) á sua residencia no palacio do Monserrate, dizendo que morou aqui durante um anno.

Ha ainda outro argumento que não se deve desprezar, e esse é-nos fornecido por Lord Byron. Quando o genial poeta esteve em Cintra, *glorios Eden*, em 1809, visitou o Monserrate e a esta visita se refere no *Child Harold*, ao exclaimar, dirigindo-se á William Beckford: — «Aqui moraste, aqui sobre os picaros sempre bellos d'esta serra formaste sonhos de prazer. Hoje, porém, como coisa maldita dos homens, a tua vivenda encantadora está solitaria como tu.» Ora se Lord Byron dizia que William Beckford morava no Monserrate, é porque elle o sabia ao certo, como compatriota e contemporaneo de Beckford, ou porque os proprios habitantes de Cintra lhe deram essas informações, que deviam ser exactas, porque não havia ainda quinze annos completos que Beckford se retirara de Portugal. Tambem se propalou a lenda de que o Monserrate servira de habitação a Lord Byron, mas essa lenda já desfizemos em tempo, mostrando que elle não podia ter habitado aquelle palacio, então em ruinas, mas que estivera alojado na hospedaria de uma irlandeza, estabelecida na mesma casa em que está agora o *hotel Lawrence*. A tradição de que o Monserrate fóra moradia de Beckford era tão vivaz no tempo dos Francezes, que Adam Neale, medico do exercito inglez, dizia em 1809 (confundindo a casa de



Officialidade do «Benjamin Constant», e membros da colônia brasileira, em Santarem, no dia 18 de novembro.

Bemfica com a de Cintra) que Mr. Beckford of Fonthill era o proprietario da casa que pertencera ao Devisme. (2) E um livro de 1796 diz: — «Uma das mais bellas (vivendas cintrenses), das mais distribuidas, das mais variadas, das mais ornadas, é a que foi feita, á custa de enormes despezas, pelo negociante de Vismes, e que esse parisiense anglicisado acaba de vender ao inglez Beckfort.» etc. (3)

A vista do exposto, podemos concluir que foi o celebre William Beckford, e não outro Beckford, quem esteve no palacio de Monserrate, e, para o provar, basta escorar-nos na escriptura anteriormente citada, ficando assim documentalmente demonstrada a passagem de William Beckford por aquella priapicesca residencia cintrense, conforme o desejo manifestado pelo brilhante articulista da *Illustração Portuguesa*.

Passemos a outra alpondra. Temos agora que fazer umas ligeiras rectificações ao que o sr. D. Luiz de Castro conta ácerca do palacio do Ramalhão. Diz elle, que, após a retirada de Beckford, José Street, dono do Ramalhão, sabendo que a Princeza D. Carlota Joaquina desejava comprar aquella magnifica propriedade, lh'a dera de presente, mas que a altiva princeza, não querendo de maneira alguma aceitar a dádiva, lhe enviara um padrão de Juro Real da importancia de dezesseis contos de réis, padrão a que José Street lançara fogo, para depois incendiar com elle um magnifico ponche da mais fina Andaya do Pico. Ora isto é uma lenda muito bonita, mas que não passa de lenda.

A historia do Ramalhão é, em resumo, a seguinte. A quinta do Ramalhão pertencia a uma senhora bahiana, D. Anna Joaquina Ignacia de Carvalho, viuva do rico Joaquim Ignacio da Cruz Sobral e casada em segundas nupcias com José Street de Arriaga Brum da Silveira, bacharel formado em leis, Juiz de Fóra de Angra, natural do Fayal e cujo avô era oriundo de paes irlandezes. José Street e sua mulher instituiram um morgado em Carnide, na importancia de 117.880.5000 réis, ao qual vincularam o palacio e as duas quintas do Ramalhão, que D. Anna Joaquina possuia como herdeira de sua mãe, D. Maria da Encarnação Correia. Em 1802, já o Street havia fallecido, e foi a sua viuva quem vendeu o Ramalhão por quinze contos de réis em Apolices do Real Erario á Princeza D. Carlota Joaquina, para cujo fim obteve que o Desembargo do Paço consentisse, mediante um alvará, que aquelle predio fôsse desmembrado do vinculo e que aquellas Apolices ficassem a elle pertencentes por effeito da subrogação e em lugar da referida propriedade. (4) A escriptura de subrogação foi assignada em 17 de Maio de 1802 na residencia do marquez de Marialva, D. Diogo, estribeiro-mór da Princeza D. Carlota Joaquina e seu procurador n'este negocio. Foi elle quem entregou ao procurador da viuva Street, o Dr. Antonio José Guião, a importancia da compra, representada pela Apolice n.º 12.234 do Novo Emprestimo do Real Erario, com a natureza que lhe conferia a lei de Padrões de Juro Real.

Emquanto a D. Anna Joaquina, essa casou em terceiras nupcias, em principios de Novembro de 1802, com Rodrigo Victorino de Sousa e Brito, tenente do regimento de cavallaria de Mecklemburgo, e morreu um anno depois, deixando-lhe todos os seus bens livres.

Com estas linhas, escriptas muito ao correr do aparo, não pretendemos molestar o sr. D. Luiz de Castro, a quem não temos a honra de conhecer pessoalmente, mas a cujo talento, a cujo espirito ponderado e a cujas faculdades de trabalho prestamos a homenagem sincera do nosso respeito. São apenas dictadas por um interesse puramente

historico e tem por fim rectificar certas asserções, que se nos alligaram erroneas, e que, em nosso conceito, não devem passar em julgado e correr mundo sem protesto.

PINTO DE CARVALHO (Tinop.)

(1) Real Archivo da Torre do Tombo. Collecção vinda do Ministerio do Reino. N.º 29 de ordem, fl. 41

(2) *Letters from Portugal and Spain*, pag. 79.

(3) *Voyage en Portugal en 1796*, pag. 90.

(4) Real Archivo da Torre do Tombo. Chancellaria de D. João VI, Livro VII, fls. 345 v.



LOUZÃ. — Rio Ceira no interior do Cabril



PRESENTE E PASSADO

O "Mauretania,"

O maior navio do mundo

O lançamento á agua do monstruoso navio "Mauretania", a 20 de setembro em Wallsend, nos estaleiros dos srs. Swan, Hunter e Wigham Richardson na margem esquerda do rio Tyne, constitui um notavel acontecimento na historia dos desenvolvimentos da construcção naval e da navigação a vapor. E é para notar que este grande acontecimento coincide muito approximadamente com a celebração do 1.º centenario da utilização pratica d'esse meio de navigação.

Foi em 1807, um seculo antes do "Mauretania", dever realizar a sua primeira viagem, que Roberto Fulton fez as suas experiencias com o vaporzinho "Clermont", sobre as aguas do rio Hudson, e poucos annos depois, em 1812 o "Comet", do constructor Bell apparecia no Clyde. Não foi porem, antes de 1819, que o primeiro navio movido por velas e vapor atravessou o Atlantico em 35 dias; chamava-se elle o "Savannah". Que estupendo progresso se tem feito d'então para cá!

A construcção do "Mauretania", e do seu predecessor o "Lusitania", representa a tarefa mais estupenda e complexa que á architectura naval podia ter sido commettida. O "Mauretania", será o maior, mais rapido, mais luxuosamente arranjado de todos os navios de passageiros que existem; e a adopção das turbinas como meio de propulsão marca um melhoramento notavel, visto que até aqui os grandes paquetes de passageiros usavam só das machinas alternativas.

Para o estudo e cuidadoso exame dos planos do "Mauretania", e do "Lusitania", foi formada uma commissão composta de engenheiros delegados da companhia Cunard proprietaria dos barcos, do Almirantado, dos constructores, e dos srs. John Brown & C.ª para avaliarem as vantagens relativas das machinas alternativas e das turbinas. Depois de estudos theoreticos, investigações scientificas e experiencias no campo da pratica, que duraram muitos mezes, a commissão decidiu-se unanimemente a favor da adopção do systema das turbinas do typo Parsons. A companhia Cunard accetando a indicação dos competentes, adoptou logo este meio de propulsão para o seu vapor "Carmania", o qual sendo de dimensões muito menos avantajadas e de menor potencia ficou prompto muito antes dos dois grandes.

As condições estipuladas no contrato celebrado em 1903 pela companhia Cunard com a casa constructora exigiam dois navios que podessem manter pelo menos uma velocidade normal de 24 a 25 nós, o qual tem 6.080 pés, o que equivale a 27 1/2 a 29 milhas padrão que andam por 5.280 pés (1). Este andamento deve ser mantido em condições moderadas de tempo. Com elle poder-se-ha realizar a viagem entre Queenstown e Nova York, que anda por 2.835 milhas, em uns cinco dias, o que até ao presente nunca tinha sido realisado.

Lancemos agora, antes de descrever o navio, uma rapida vista d'olhos ao grande estabelecimento de Wallsend, onde os srs. Swan, Hunter and Wigham Richardson construíram o "Mauretania". Logo num relance se vê que esta firma usou da mais arrojada coragem e escairecida iniciativa, para poder cabalmente corresponder á confiança que nella depositaram os donos do novo barco, realisando a solução de um problema que deverá ser considerado em qualquer tempo como um triumpho nos centros fabris do Tyne.

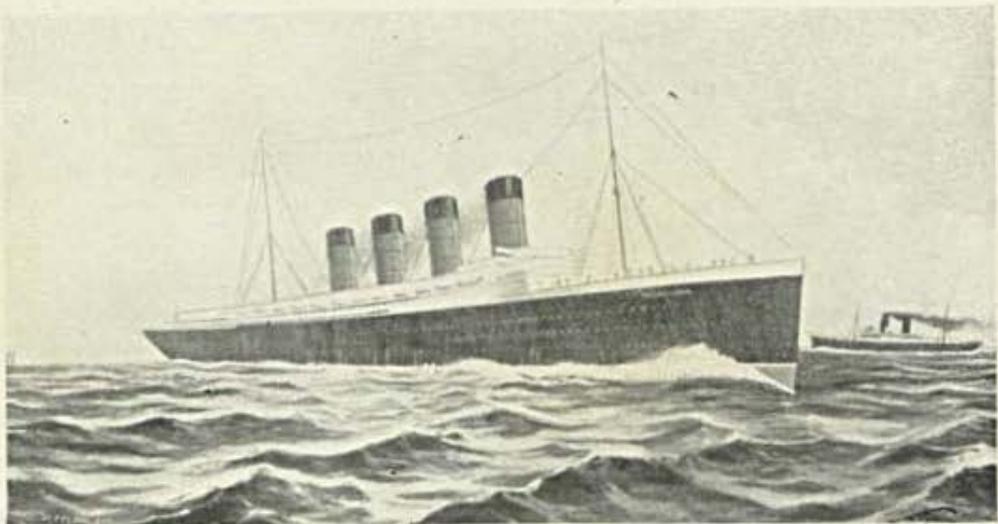
Os 2 vastos telheiros, sob um dos quaes o magnifico paquete foi construido, são um exemplo das poderosas installações dos estaleiros de Wallsend. Estes edificios, os maiores do genero que existem no mundo, são construidos de armação metalica com cobertura de vidro; tem 740 pés de comprimento, 100 de largura interna interiormente e 144 de altura dos picadeiros á cobertura. A protecção que assim foi proporcionada contra as intemperias do tempo, permittiu que o trabalho da construcção podesse ser feito seguido e sem qualquer interrupção. Varios guindastes, pontes rolantes e outros aparelhos estabelecidos no vigamento do edificio, facilitaram o manuseamento e collocação das grandes peças de construcção no casco do "Mauretania". Na agua vê-se a grande cabrea flu-

tuante que os donos do estaleiro construíram expressamente para suspender e collocar no seu lugar a bordo estando o barco a nado, as caldeiras, turbinas e outros grandes pesos. Esta cabrea, que é uma das mais potentes que tem sido construidas, pode levantar um peso de 170 toneladas.

São as seguintes as principaes dimensões do novo paquete: comprimento 790 pés; bocca 88; pontal 60 pés e 3 polegadas; tonelagem bruta 33.200; deslocamento 45.000 toneladas: na linha d'agua carregada demandará 37 1/2 pés. A altura das chaminés, que são quatro, é 155 pés acima da quilha; diametro 24; altura dos mastros 216 pés ou cerca de 66 metros!

O navio allemão "Kaiser Wilhelm II.", que é actualmente o mais veloz que existe na travessia do Atlantico, tem uma maxima velocidade oceanica de 23 1/2 nós ou 27 milhas. A marcha do "Mauretania", como já vimos acima, deverá exceder a do seu rival allemão uma ou uma e meia milha por hora. Este augmento de velocidade adicionado ás maiores dimensões do barco inglez tornaram necessario augmentar 70 por cento os 38.000 cavallos indicados do grande barco allemão. O maior navio da Companhia White Star que é o "Oceanic", que desloca 28.500 toneladas fica muito abaixo do novo navio da Cunard. Se recordarmos agora o historico "Great Eastern", veremos que o grande monstro de Brunell tinha 80 pés menos em comprimento, 5 menos em bocca e 3 menos em pontal, ao passo que deslocava menos 18.000 toneladas do que o "Mauretania". Uma ultima comparação: o deslocamento do "Great Eastern", 27.000 junto ao do "Dreadnought", que é o maior couraçado britannico, 18.000, apenas equivale ao deslocamento do novo colossal barco.

O casco do "Mauretania", é de duplo fundo e de systema cellular, sendo 5 pés o intervallo entre os fundos ao centro. O prolon-



O "Mauretania", (quatro helices)

gamento dos duplos fundos pelo costado acima dá ao navio maior solidez e protecção no caso de um encalhe, proporcionando-lhe grande resistencia longitudinal e transversal. A subdivisão do casco por anteparas estanques e pelos pavimentos é a mais cuidadosamente estudada que é possível, em um navio de passageiros, havendo ao todo 175 divisões estanques que tornam o barco praticamente insubmersivel. Todas as portas das anteparas estanques que ficam abaixo do nivel de agua, tem uma disposição especial que permite ao official de quarto fechar-as quasi instantaneamente, em caso de sinistro, mesmo da ponte de navigação.

Não tendo em conta os espaços occupados pelas machinas e caldeiras, tem o navio seis pavimentos completos em toda a sua extensão incluindo o convez de passeio e o das embarcações meudadas. Tem alem d'isso uma successão de alojamentos acima do convez principal, occupando cerca de metade do comprimento do navio no pavimento dos escaleres; dominando acima d'isso tudo avante, a ponte do commando. O commandante do navio estando em cima da ponte terá os olhos cerca de 110 pés acima da quilha! Anda isso por um pouco mais de 33 1/2 metros.—Haverá ao todo 9 pavimentos, mas não todos continuos como acima vimos. Ha dois mastros lisos apenas. As chaminés tem bastante capacidade para que duas locomotivas de typo ordinario podessem passar a par interiormente. No momento de cahir á agua pesava o "Mauretania", 16.500 toneladas; esse peso é incomparavelmente mais do dobro do peso do couraçado inglez "Lord Nelson", no momento de cahir á agua no Tyne a 4 de setembro.

Anda por 26.000 o numero de chapas d'aço empregadas no casco, pavimentos, anteparas etc. muitas das quaes pesam quatro a cinco toneladas. Aço especial de primeira ordem foi empregado amplamente nas partes do navio que devam supportar maior esforço. Mais de 4.000.000 de rebites foram cravados com o peso de 500 toneladas. As cavernas e vãos collocados em linha recta enfileirados occupariam uma extensão de 30 milhas. O leme pesa 65 toneladas. O peso total das peças principaes, roda de proa, cadastes, supportos dos helices, é mais de 200 toneladas. As amarras são as maiores que tem sido feitas; cada elo tem 24 1/2 polegadas de

(1) A milha geographica é geralmente definida pela extensão de um minuto de arco de equador terrestre; mas a milha nautica, como a definem os hydrographos, é a extensão de um minuto do meridiano e é variavel para cada latitude; é igual a um minuto de arco do circulo cujo raio seja igual ao da curvatura do meridiano na latitude do logar.

comprimento, 3 $\frac{3}{4}$, de diametro e pesa 160 libras. As ancoras pesam 10 toneladas cada uma. As chapas destinadas ás caldeiras, que são as maiores que tem sido fabricadas no mundo, tem 37 pés 9 polegadas de comprimento por 7 pés e 8 de largo e por 1 polegada $\frac{21}{64}$ de espessura. O peso de cada uma d'estas chapas extraordinarias é 7.277 kilogrammas.

O "Mauretania", hade poder transportar 560 passageiros de 1.ª classe, 500 de 2.ª e 1400 de 3.ª, e a tripulação constará de 800 pessoas ou um total de 3800 individuos. O pavimento de passeio e espaços destinados ao uso dos passageiros foram projectados do modo mais grandioso, tendo cada um cerca de 50 $\frac{1}{2}$ mais espaço do que em qualquer outro dos mais modernos paquetes que atravessam o Atlantico. A architectura e decorações das salas e logradouros publicos e dos camarotes serão as mais luxuosas, elegantes e vistosas que jámais foram empregadas em navios, todas tendentes a assegurar o conforto e a satisfação dos passageiros. Entre as mais especiaes feições do novo e grande navio estão os camarotes ordinarios e de luxo, as salas de jantar, com mesa redonda e por lista, uma varanda para se tomar café, uma casa para creanças, elevadores electricos para uso dos passageiros, e outros para as bagagens, uma rede completa de telephones communicando todos os camarotes de passageiros com a secretaria do commissario etc. etc. Uma completa e perfeita rede de luzes electricas, motores electricos para agitar as ventoinhas nas casas das machinas e nos alojamentos, é tudo quanto pode haver de mais moderno e perfeito. Haverá 5.000 luzes electricas distribuidas em toda a parte, sendo a corrente transmittida por meio de 200 milhas de fio. Apparelhos de ventilação e de aquecimento estão dispostos de modo a poder-se graduar e regularisar como se quizer a temperatura dos diversos alojamentos.

As machinas propulsoras do "Mauretania", que hão de leval-o atravez do Oceano Atlantico com a velocidade de muitos comboios, estão sendo construidas pela Companhia Wallsend Slipway and Engineering, que tem intimas ligações com os srs. Swan Hunter and Wigham Richardson e cujas officinas não distam mais de meia milha do estaleiro de construcção, serão da força de 70.000 cavallos indicados. As turbinas foram riscadas pela Companhia Wallsend Slipway de combinação com a companhia Parsons Marine Steam Turbine, tambem de Wallsend e com os constructores do barco. Ha duas turbinas de alta pressão e duas de baixa pressão, cada uma das quaes dá movimento a um veio com um helice de bronze manganez; haverá assim portanto 4 helices, 2 dos quaes mais avançados perto do leme e dois mais afastados do eixo do navio pouco avante d'estes. Todas as machinas de vapor e electricas são duplas, afim de que em caso de accidente ou sinistro tanto as machinas principaes como as auxiliares possam funcionar. O vapor será ministrado por 25 caldeiras com 192 fornalhas ao todo. A ventilação nas caldeiras é pelo systema Howden de tiragem forçada, cujas ventoinhas serão movidas electricamente; mas espera-se que a força motriz não precise d'esse esforço extraordinario.

Quando o "Mauretania", estiver concluido pode ser utilizado na marinha de guerra como cruzador ou explorador. Para esse fim será elle armado com 12 peças de tiro rapido. Os paioes de carvão ao longo do costado estão dispostos de modo que assegurem protecção ás partes mais vitaes e importantes dos machinismos. As machinas, caldeira, leme, apparelhos de governo, ficam abaixo da linha de fluctuação. Sendo este barco maravilhoso empregado como explorador em operações de guerra, deverá ser um valiosissimo elemento, pois que sendo perseguido sempre escapará ao inimigo por causa da sua enorme velocidade. Decorrerá ainda cerca de um anno antes que o "Mauretania", possa estar prompto para emprehender a sua primeira viagem.

Não largaremos o assumpto sem dizer duas palavras a respeito do lançamento d'este gigante dos mares. O rio Tyne é muito estreito de modo que, para se evitar que o grande barco fosse encalhar na margem direita do rio, ou causar avarias, está o estaleiro construido obliquamente á margem; mas como isso não bastasse, usou-se para rapidamente amortecer a velocidade do monstro quando elle cahisse na agua, um engenhoso expediente. Em varios pontos do navio foram fixados grandes pedaços de amarra pesando cada um com toneladas, os quaes entrando na agua foram arrastando no fundo do rio e causando um tal attricto que subjugaram e paralyzaram o seu andamento. Estas amarras pesavam aggregadamente nada menos do que 2500 toneladas!

Assim como outros vapores de passageiros possuirá o "Mauretania", apparelhos de telegraphia sem fios, de modo que cada dia serão a bordo publicados boletins com telegrammas dos pontos de partida e de destino do grande barco.

Com a construcção do "Mauretania", mantem a Grã Bretanha a soberana e arrogante primasia dos mares, que impossivel é disputar-lhe tanto pelo que diz respeito á marinha de guerra como á mercante. Mas como a Allemanha pretende rivalisar com ella e

mesmo vir a exceder-a nos seus processos de lucta scientifica, não nos admiraremos de que dentro de alguns annos ou mezes venha a noticia de ter sido posta em algum estaleiro allemão a quilha de algum barco maior ainda que o "Mauretania". E antes as duas orgulhosas nações luctem n'esse campo de progresso do que em outro qualquer que mais perigoso podesse vir a ser para os destinos e tranquillidade da Europa.

AUGUSTO DE CASTILHO

MEMNON

*De pé sobre a ruina e olhando, embevecido,
Do longiuo horizonte o fecho adelgado,
Memnon lembra um Titã um heros vencido,
Das luctas colossaes da Grecia do passado.*

*Quando o sol apparece, e o busto mutilado
Do colosso, illumina um ralo foragido,
Dos seus labios de pedra irrompe compassado
E em procura do espaço, um canto dolorido.*

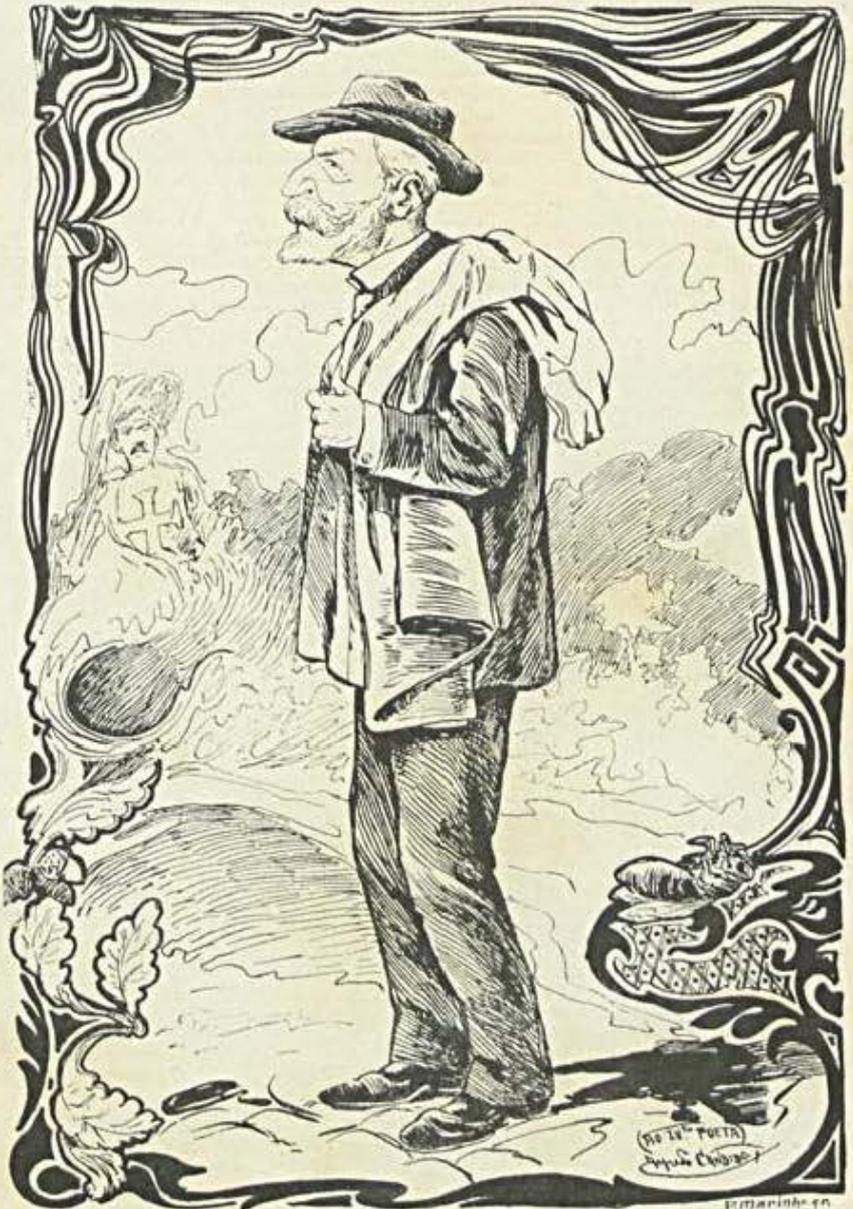
*E, ouvindo esse queixume, o beduino pára ...
No deserto que, ao longe, as fauces escancara,
Dardéa, emfim, o sol ... e rasgam-se as neblinas ...*

*E Memnon, proseguindo, acorda a plaga incerta ...
Semelha um coração que o desengano aperta,
Da Thebas do ideal ... chorando entre as ruinas.*

Recife

MENDES MARTINS.

Onde canta o rouxinol



Manuel Duarte de Almeida

Um dos raros grandes poetas de Portugal

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XVI

O sr. Affonso Costa expulso da camara não perde pitada na propaganda de si proprio. O deputado republicano procura modestamente a Obscuridade e esbarra com uma Apotheose a cada canto. Sangue a fingir. Salomão e o sr. Affonso Costa. Oh! o martyrio da popularidade! 1640 e 1906. Conclue-se uma chronica como um juizo do anno do «Borda d'Agua.»

Quinzena triste e comica, esta ultima recheiada de acontecimentos que dariam uma bella peça historica á Marcellino Mesquita e uma farça á Gervasio Lobato. Houve de tudo, graças ao Senhor: declarações estupendas, discursos violentos, expulsões com a intervenção da força armada, gritos subversivos e as concomitantes manifestações em volta do já famoso automovel do sr. Affonso Costa. Todo este caudal de acontecimentos derivou, é claro, do inexgotavel manancial da Politica, que continúa absorvendo as atenções, a falta de melhor.

Expulso da camara com o seu correlegionario Alexandre Braga, o sr. Affonso Costa não perde um momento na propaganda das suas generosas ideias. Corre a toda a velocidade do seu automovel até casa, janta á pressa, veste um casaco que o resguarda da intemperie, e elle ahí vai, sempre de automovel, em procura da obscuridade, da modesta sombra, de sitio propicio á meditação das desgraças da patria, fugindo ao dedo do *badaud* que ás esquinas aponta os homens celebres que passam, fugindo á publicidade, á notoriedade... Mas o illustre patriota não conhece todos os caminhos que levam ao seu destino e logo por desgraça succede-lhe passar á porta dos dois cafes mais concorridos de Lisboa: o Suisso e o Martinho.

Agora o vereis! Uma multidão enorme escoia d'essas casas e cerca o carro triumphal do futuro presidente *in herbis*, desatando aos gritos ovacionaes, desfazendo as mãos em salvas de palmas. Não se pode fazer ideia da contrariedade do sr. Affonso Costa. Estava arreliadissimo. Se n'aquelle momento s. ex.^a pudesse ter privilegio de diabo de magica, teria desaparecido por um alcapão aberto a seus pés. Aquellas palmas, aquelles vivas tiraram-lhe annos de vida! Que quarto d'hora! Mas fez um esforço supremo conseguindo

compôr uma physionomia risonha e agradeceu, com modestia tocante, a manifestação de que se julgava indigno — e o confundia. A custo destravou e seguiu lentamente, para não esmagar algum cidadão — a patria precisa cada vez mais de cidadãos que... cerquem automoveis! — e lá foi até casa, addiando a sua partida para as solidões da Obscuridade.

Mas o silencio, a reclusão, a paz, chamavam-o de longe, acenando-lhe do alto da montanha do Esquecimento. E sua excellencia não pode resistir — e sua excellencia mandou chamar a toda a pressa o *chauffeur*. E, seguro da escuridade crassa da noite, virgulada a vermelho pela pessima luz do gaz, dando a impressão de uma lombrega parede de masmorra suja de dedadas de sangue — que feliz imagem! — O sr. Affonso Costa, desaparecendo nas dobras de uma



Deputados republicanos. — Dr. Affonso Costa e Alexandre Braga

(Instantanea junto do ministerio do reino)

ampla capa de conjurado, metteu-se no vehiculo e mandou seguir, ordenando ao *chauffeur* que fizesse ouvir constantemente a *sereia* — para afastar as multidões.



Visita de coronéis á linha de Torres Vedras, em 18-11-906. — (Partida da estação do Rocio)



Na Cruz Quebrada. — «Foot-ball», entre os grupos de Carcavellos e da Cruz Quebrada (em 17-11-006)

Conseguiu o seu fim. Ninguém o lobrigou. Mas na rua da Palma alguma coisa lhe despertou bruscamente a atenção, o attraheu... Nas alturas, uma vasta mancha vermelha ensanguentava a noite... Que seria aquillo?... Sangue! Sangue sem duvida!... E as narinas de sua excellencia dilataram-se, seus olhos brilharam, seus labios entreabriram-se n'um sorriso de triumpho e uma exclamação de jubilo saiu lá de dentro, de seu generoso peito:

— Já?... José, depressa! corre para aquella mancha de sangue!

O futuro presidencial *chauffeur* obedeceu. Mas a certa altura estacou e poz-se a rir.

— Pois tu ris n'este momento, José?! Não, isso é crueldade demasiada! Deante do sangue do adversario, só se usa a lagrima da piedade!

José virou-se com ar escarninho:

— Saberá v. ex.^a que o sangue do adversario é uma taboleta illuminada annunciando o *Templo de Salomão* no theatro do Principe Real.

— Ah... sim... — fez s. ex.^a um pouco estomagado — Logo me quiz parecer que não haveria sangue sem eu ter dado as minhas ordens!... Pois bem, José, uma vez que estamos no Principe Real, vou ver o *Templo de Salomão*. Fica tu á porta com o automovel. Atravanca a rua e evita aglomerações.

Enfiou s. ex.^a para a bilheteira e passou depois á sala, onde lhe estavam reservadas as peores horas da sua agitada existencia. Por desgraça o theatro tinha uma enchente e toda a gente virou costas ao palco para fitar olhos supplices no grande tribuno. O sr. Alfonso Costa sentiu que o seu coração boiava n'uma onda de enternecimento. Sim, toda aquella gente pedia commoivamente a sua inter-

venção suprema: sua excellencia lia em cada olho, e em maiusculas, uma letra d'esta phrase: — Salva-nos, Alfonso!

Por fim o supplicio terminou. A multidão saiu de tropel. Sua excellencia foi o ultimo a abandonar o theatro. Mas quando chegou á rua — oh contrariedade! — verificou que era esperado. E aclamaram-o e aos seus ideaes com vivas, com palmas, com chapéus atirados ao ar!

— Vá lá a gente evitar uma d'estas! monologava o sr. Alfonso Costa, sentindo a sua proverbial modestia revoltadissima. — Ora, ora, o que me estava reservado!...

Veiu a policia, prendeu algumas pessoas, chegou ao pélo d'outras e fez alas á passagem do automovel, do alto do qual o sr. Alfonso Costa desejou uma noite muito feliz aos seus futuros presididos, que iam a caminho da esquadra.

Todos os dias tem sua excellencia tentado fugir a manifestações: de balde. Fazem-lh'as a todas as esquinas, nos estabelecimentos em que entra, no barbeiro, no engraxador no portal das casas que visita... E não ha meio de evitar esta seringação!

Hoje, 1.^o de dezembro, dia em que commemoramos com uma philharmonica e dois leques de gaz, na Praça dos Restauradores, o 266.^o anniversario da independencia de Portugal, a situação do paiz é esta: á direita, o sr. João Franco governando; á esquerda, o sr. Alfonso Costa pretendendo governar. Felizmente hoje, como em 1640 e como fim dos juizos do anno do «Borda d'Agua»,

Deus super omnia!

CAMARA LIMA.



Assistindo ao «foot-ball»

Excavações

Em Coimbra — Duas palavras de gratidão — Soares de Passos — Talentos saídos da Universidade — Augusto Carneiro — A despedida do soldado — Visita a João de Lemos.

No verão de 1862 tinha eu subido até á larga chapada que fica no ponto mais alto da serra da Estrella, (dois mil metros, próxi-

N'uma época apartada e feliz da minha vida passei ali alguns mezes no seio da familia de um dos homens mais veneráveis que tenho conhecido, João José Vaz Preto Giraldes. A esposa, senhora de elevado espirito, educação finissima, e muito raras virtudes, tratava me com solicitude e carinho materno.

Ambos estão já debaixo da terra; não podem cõrar com estas palavras.

Em a gente chegando a certa idade, em cada pagina dos seus apontamentos tem de traçar uma cruz. E' voltar a cabeça, olhar para traz, e ver um vasto cemiterio!

Creio que já o disse algures; mas repito-o agora.

Ha muito tempo, acompanhava eu um prestito funebre e chora-



Anadia. — Vista geral

mamente acima do nível do mar), e percorrido a larga bacia de entre o Herminio e o Caramulo, sem excluir o formoso valle de Farminhão e de Besteiros

N'alguns jornaes de Lisboa e da provincia andam dispersos fragmentos das impressões d'essa viagem, impressões que hei de reunir um dia em volume, acrescentando-lhes algumas narrativas notáveis entre as mil tragedias de que tem sido theatro aquelle fecundo e pittoresco torrão do nosso paiz.

No outono vim até Coimbra.

Coimbra, quando eu a tivesse frequentado com a batina de estudante, não teria para mim hoje mais encantos, nem me inspiraria mais saudades.

va, com toda a sensibilidade dos dezeseis annos, a perda d'um grande amigo, Salvador Correia de Sá e Benevides, visconde d'Assoca.

José Estevão poz-me a mão no hombro, e disse-me commovido: — Chora, pequeno: olha, em a gente chegando aos trinta passa o resto da vida a acompanhar os amigos á sepultura.

Parece um paradoxo — é uma grande verdade!

A primeira vez que estive em Coimbra foi em 1851. Ahi travei relações de profunda estima com o maior poeta que teve Portugal, da chamada geração nova, Antonio Augusto Soares de Passos.

Estou a vel-o: a fronte espacosa, os olhos rasgados e morbidos, a pallidez, nuncia da consumpção latente, no rosto insinuante.

Com voz fraca, mas agradavel, recitava a *Partida*, o *Camões*, o *Firmamento*, versos immortaes na litteratura portugueza.

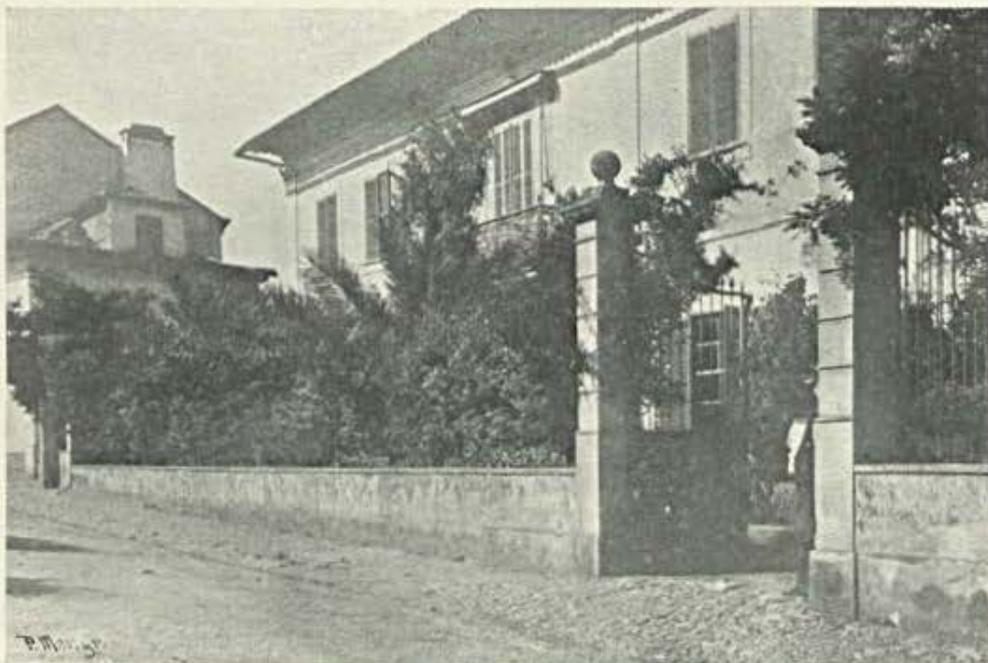
Mas... voltando ao outono de sesenta e dois.

Abria se a Universidade. Os peregrinos talentos de Silva Gayo, José Dias, Barjona, regiam as suas cadeiras por forma que era deleite ouvil os. N'esse anno tinham terminado o curso varios moços de muito engenho, e entre elles o mais notavel, Jayme Moniz, cuja eloquencia e erudição tem enlevado, nestes ultimos annos, os auditorios que successivamente correm a admirar a sua palavra.

Foi n'essa época tambem que eu apertei laços de estima com um rapaz da universidade, Augusto Carneiro, que frequentava theologia, e que hoje, segundo creio, está formado em direito.

Era discipulo e mestre ao mesmo tempo. Já publicou um bello livro sobre o *casamento civil*; todos os collegas o admiram, o seu nome é conhecido por muitos e com vantagem; apezar disso, os creditos a que tem direito este notavel talento não estão generalizados no paiz tanto quanto deviam de estar.

Circumstancias da vida d'elle, e da minha fizeram com que a nossa mutua sympathia se tornasse em affeição, que dura hoje viva e sincera.



Anadia. — Palacete do sr. conselheiro José Luciano de Castro

(Officinas de Montinho d'Almeida.)

Augusto, nascido n'uma aldeia proximo de Goes, nunca tinha visto aguas senão as do seu patrio rio e as do Mondego. Lêra o grande livro de Michelet "O Mar", e ardia em desejos de ver de perto a catadura do oceano.

Propuz-lhe um passeio até á Figueira. Aceitou immediatamente.

Partimos, Mondego abaixo, por uma bella manhã. Com o crescer do dia levantou-se uma brisa fresca do norte; vinha á medida dos meus desejos. As ondas deviam quebrar nos cachopos d'aquella perigosa barra.

Assim foi: chegados á Figueira, fomos á grande praia; as vagas curvavam-se rebentando e espalmando-se em cachões de espuma sobre a costa arenosa.

Eu gozava, vendo a impressão que produzia no animo delicado do meu amigo aquelle imponente espectáculo, que elle via pela primeira vez.

A Figueira é uma das villas mais graciosas de Portugal. Era tempo de banhos, e que lindas raparigas, que sedutoras provincianas não havia por ali!

Na Figueira, uma coisa interessante é vêr a saída dos navios. Era um domingo: Augusto e eu, estávamos na praia, onde presenciámos um quadro tocante.

Partia um destacamento, não sei para onde. No momento do embarque, um soldado, moço que teria os seus vinte e tantos annos, bem posto, bem parecido, moreno, e de porte militar, destacou-se dos companheiros, que não vinham debaixo de fórma, e foi abraçar-se a uma véhinha, que o recebeu lavada em lagrimas. Via-se que o rapaz fazia todos os esforços para conter as suas com hombridade de soldado.

A velha era a mãe. A muito custo, para não empregar força, conseguiu desprender-se dos braços tremulos e senis d'aquella, que parecia reasumir o vigor juvenil para apertar ao coração o filho das suas entranhas. O pobre soldado queria sorrir-se, talvez com receio de que os seus camaradas o escarnecessem, dado que houvesse corações capazes de não respeitar aquelle lance, e, quando se desprendeu dos braços da mãe disse:

— Coitada, está muito véhinha!...

Mas aqui estrangulou-se-lhe um soluço na garganta, e desatou a chorar como uma creança, levando o canhão da manga aos olhos para esconder as lagrimas, que lhe alagavam o rosto crestado e marcial.

D'alli a pouco a véhinha, subindo a um penhasco que ficava proximo de nós, e vendo que o navio arfava ao cair nas primeiras vagas, agitou o lenço branco e disse, como se o filho pudesse ouvi-la.

— Deus te leve na sua guarda! Ah! filho! filho! que te não torno mais a vêr!

Olhei para Augusto; tinha os olhos rasos d'agua.

BULHÃO PATO.

(Das *Palavras*, livro publicado pelo illustre poeta em 1871).



Um letrado do seculo XVIII

ERA o padre Joseph Marques — assim se assignava elle — cujo nome aureolado por uma tal ou qual fama, conseguiu chegar aos nossos dias, capellão regente do côro e mestre de musica da igreja de Nossa Senhora do Loreto, ahí pelo anno da graça de 1764; talvez pelo milagre de ter escapado ao medonho terramoto, nove annos antes occorrido, em acção de graças compoz uma obra, que se não pôde dizer de grande tomo porque em dois bons tomos era, a qual intitulou: "Novo dictionario das linguas portugueza e franceza, com os termos latinos, etc."

Que as letras, quer patrias, quer extranhas, ou a propria pessoa d'elle, houvessem auferido qualquer beneficio derivado de tal proposito e atrevimento, ponto é que ainda não veio a lume, ommissos, como foram, os escriptores, os biographos, n'aquella afastada era a tal respeito. Talvez que, revolvendo as cinzas de tantos annos, o trabalho paciente e inglorio de algum escavador de antiguidades lograsse obter quaesquer subsidios e chegasse assim a ver claro onde tantas trevas se nos antolham, mas como nem todos servem para tudo, nem Roma se fez n'um dia, deixemos essa tremenda questão para quem se sinta com folego para resolver, e permanecerá assim insolúvel pelo menos temporariamente.

Não foi, porém de balde que, com todas as licenças necessarias e privilegio real, entrou no estabelecimento de João Joseph Bertrand, mercador de livros, ao Senhor Jesus da Boa Morte, o dictionario saído da Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, nome de muito bom agoiro tanto nos tempos antigos como nos modernos, de tão poderosa egide como os deuses penates de uma mythologia, já entrada nos recessos da historia, propiciando sempre as fadas que teem de acompanhar de seculo em seculo esses raros productos do espirito humano que lograsse assaz notoriedade. E, se alguma vez de memoria de homem se poude notar o facto de terem emmudecido as trombetas da fama, que deviam proclamar por todo o orbe a gloria do escriptor, devemos acoiimar de inveja dos conterraneos o nefando proposito, porque mais desopilante aci-

pipe litterario era difficilissimo de ministrar n'uma época, em que as distracções faziam mingua e as rezas do terço eram em demasia.

Com galhofeira intenção, não isenta de uma pontinha de malicia, dos bicos da penna do reverendo auctor, em hora de desfazio, veio ao papel o seguinte:

"Loquacidade, o vicio de falar muito: ha homens que não vivendo de ar como o camaleão, continuamente tem a boca aberta, e d'ella cae um diluvio de palavras, que inunda os ouvidos, e afoga a gente. *Babil, caquet, un trop grande parler.* (Loquacitas, atis).

A uma Dama Castelhana, grande paizera, poz hum discreto este Epitafio:

Aqui yaze sepultada
La mas que noble señora,
Que en su vida, punto, ni hora
Tavo la boca cerrada:
Y es tanto lo que habló,
Que aunque mas no ha de hablar,
Nunca llegará el callar,
Aonde el hablar llegó.

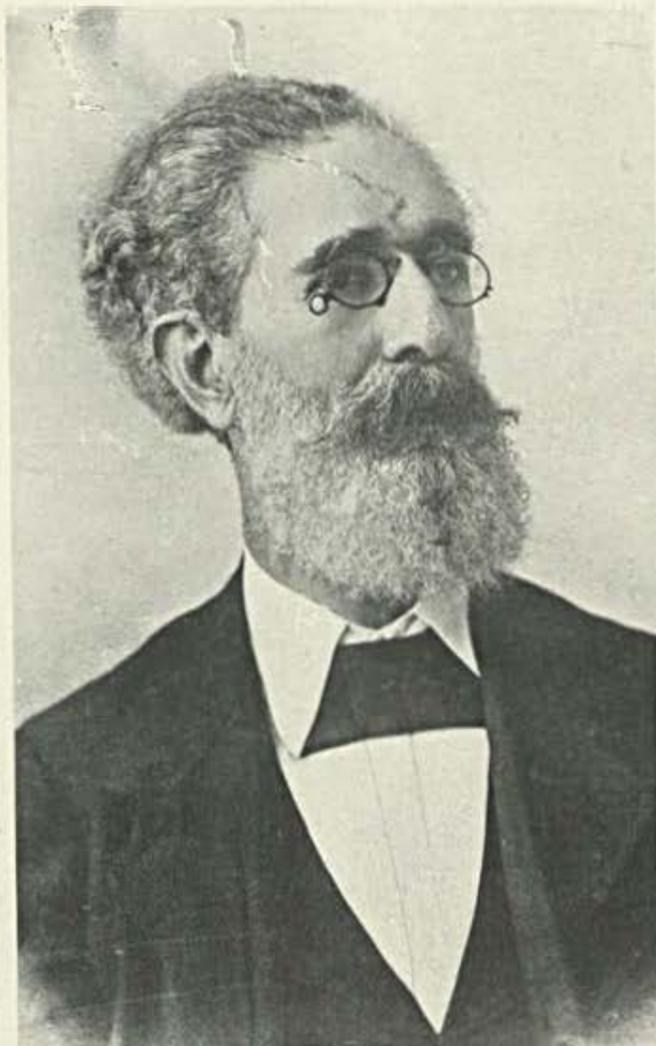
E' interessante a nota zoologica, relativa ao camaleão, muito ao de leve lançada, mas de molde a fazer-nos comprehender, que, se os conhecimentos nos outros ramos, regulassem pelos que possuia em sciencias naturaes, ninguém poderia pedir meças ao bom do nosso padre Joseph, o que não é menos para louvar que a discreção de tão indiscreto epitaphio.

De espirito propenso ao culto das bellas artes, como pelos cargos que exerceu e de que o frontespicio dos seus livros reza, se deve deprehender, poz toda a gente ao facto do que era o desenho na seguinte explicação magistral:

"Desenho, a idéa que o pintor fórma para representar alguma imagem. *Idée, image de quelque chose qui se forme dans notre esprit, par l'entremise d'un object extérieur, ou de quelque autre manière de concevoir.* (Rei alicujus imago mente descripta, ou in animo designata).

E' de notar que para o desenho manifestaram particular tendencia alguns dos auctores de dictionarios, assim, no *Dictionario dos termos de architectura*, de Lino de Assumpção, o desenho cifra se

Barão de Marajó



† em 25 11 906

O «Brasil-Portugal» desfolha uma saudade pelo barão de Marajó, seu antigo collaborador, brasileiro pela patria e portuguez pelo coração.

em: "Representação geometrica ou perspectiva sobre o papel da construcção projectada."

Sobre a definição de cylindro, Joseph em 1764 e Lino nos fins do seculo XIX encontram-se, como se vas ver:

"Cylindro, rodo, ou pedra comprida e roliça a modo de columna . . ."

Definição de Joseph.

"Cylindro, corpo redondo, alongado, pesado, atravessado por um eixo. . . Definição de Lino, ao qual se devem varias outras definições muito suas:

"Tijolo. *Brique*. Cubo de barro amassado e cosido ao fogo, que tem uma fórma rectangular, sendo ordinariamente o seu comprimento o dobro da sua largura, e a espessura egal á metade da largura. . ."

"Cascão. *Bousin*. Camada de pedra ainda não completamente petrificada. . ."

"Monolito. *Monolithe*. Obra trabalhada n'um pedaço de ferro. . ."

Se attentarmos em que mais do que a distancia de um seculo os separa, não são tanto de admirar os vãos da imaginação de Lino, relativamente aos que exaltaram a esplendida inventiva do seu collega, de avantajadissima envergadura, tambem, para a especialidade em que ambos se tornaram exímios.

Veja-se, por exemplo: o seguinte:

"Escuma, fervura da agua violentamente agitada, como a escuma do mar na tormenta, ou superfluidade excrementicia, e ventosa, que se separa de uma materia, e sobe á superficie pela força do calor, como a escuma da panela, que começa a ferver. . ."

"Fenda, abertura em materias, que apartando-se de si mesmas deixam de ser continuas. . ."

"Vidraça, assemblage de muitos pedaços de vidro postos pelo vidraceiro. . ."

Que ambos eram de força não resta duvida, e se Joseph n'alguma coisa poude levar a palma foi pelo facto de estropiar d'uma feita as linguas de Camões e de Voltaire de envolta com a do Lacio, emquanto que Lino só consagrou a sua attenção ás duas primeiras, onde foi disputar ao seu émulo primores de originalidade.

L. F. MARRECA FERREIRA.

Theatros

D. Maria — *O Intimo*. *D. Amélia* — *Wanda Landowska*.
Gymnasio — *Distrações da viviez*

Tem de ser curta a chronica d'esta quinzena, porque não ha novos originaes a registar, tendo os theatros continuado a alimen-tar-se quasi exclusivamente dos seus antigos repertorios.

Assim *D. Maria* fez *reprise* do *Intimo*, a comedia-drama em que Schwalback se apresentou numa pujante revelação de escriptor dramatico. E tão brilhante é o dialogo, tão bem conduzida a acção, tão vivos e verdadeiros os personagens, tão intensamente dramaticas as suas principaes situações, e o estudo da comedia politica tão a propósito e primoroso que essa peça de . . . cabellos brancos, parece agora remoçada na scena, como se um novo original surgisse com as suas surpresas e os seus imprevistos.



bouzã. — *Ponte de Foz d'Arouce*

O publico victoriou e com razão o auctor do *Intimo*, cujo talento dramatico está consagrado por numerosos trabalhos theatraes, e envolveu nos seus applausos o escriptor e os artistas que no desempenho tanto relevo acabam de dar aos personagens. Salientou entre elles Brazão, Anna Pereira, Beatriz, Joaquim Costa, Ferreira da Silva, Maria Pia, Maia e Ignacio, e assegurou pelas manifestações em que traduziu a seu agrado longa vida a *O Intimo*.

No *D. Amélia* veio abrir um parentese nas recitas da casa a grande pianista e cravista Wanda Landowska. A estreia d'essa mulher deveras notavel foi um acontecimento. E' que, com effeito, todos os requisitos de que um artista superior carece n'ella se reúnem: á prodigiosa virtuosidade a intensidade do sentimento, á comprehensão nitida do trecho musical a delicadeza e a arte no desferir da nota, a sciencia nos effeitos que sabe arrancar-lhe, a simplicidade e a pureza.

Os grandes mestres de todas as escolas, ella, por igual os interpreta e reproduz e não ha maior encanto para o espirito culto do que estar em presença de uma artista extraordinaria como Wanda Landowska e ouvir tocar com uma arte suprema as composições celebres de Back, de Pasquini, de Rameau, de Mendelsohn, de Schubert, de Berlioz, de Lizi, dos mestres de todos os seculos e de todas as escolas, que ella interpreta, quer no piano quer no cravo, com a mesma facilidade e a mesma grandeza.

Apresentar ao publico portuguez esta artista por tantos titulos eminente é mais um valioso serviço prestado pela empreza do theatro *D. Amélia*.

E' engraçadissima a comedia que Accacio Antunes confiou ao *Gymnasio*, vertida com este titulo "*As distrações da viviez*". Tem 3 actos, é de Grenet-Daneourt, e da traducção será um pleonasm, dizer que é primorosa, porque, de ha muito, os creditos de Accacio Antunes estão consagrados.

E' uma verdadeira comedia do genero: confusões, quiproquos, trapalhadas, e todo o seu merito é esse. Desopila os figados mais rebeldes e é um manancial de gargalhadas. Tem as honras do desempenho Jesuina Marques, que levou a peça na noite da sua festa, Cardoso, Telmo, Jesuina Saraiva e Juliana Santos. Estes artistas deram relevo aos seus papeis e com fartos applausos o publico victoriou o seu trabalho.

NO AMAZONAS



Manaus. — *Flores (arrabalde)*